

É hora de Sarney cooptar Brizola e Lula

UM chazinho na Academia Brasileira de Letras poderia ser um bom pretexto para o acadêmico e Presidente em exercício, José Sarney, desembarcar no Rio, uma hora dessas, para dizer ao Governador Leonel Brizola que ele também é parte importante no processo de consolidação das instituições divis, ainda machucadas pelos 21 anos de regime de exceção política e de desordem econômica.

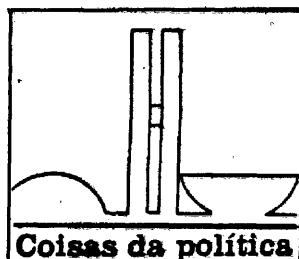
O Governador do Estado do Rio, embora tenha uma posição francamente favorável ao apressamento da transição — ele luta para que a Assembleia Nacional Constituinte e o futuro Presidente da República sejam eleitos, de maneira simultânea, ano que vem —, é um homem que não se furtaria, se convocado, a discutir, sem outros interesses que não fossem os da plena manutenção da travessia democrática, o presente momento nacional.

A longa temporada que o Presidente Tancredo Neves terá de passar fora das atividades políticas, para se recuperar da grave enfermidade que o abateu na véspera da posse, já não pode mais ser limitada a dois, como uma romântica conversa de namorados. Que o verdadeiro estado de saúde do Presidente não transpire nos boletins médicos, detalhados ou não, que ganham todos os dias os espaços dos jornais, rádios e televisões, a gente comprehende, mas não entende. Privar, contudo, qualquer setor com responsabilidade na condução do processo político de informações mais claras sobre o Brasil, sem Tancredo é inconcebível.

O encontro entre Sarney e Brizola não deve ser, porém, o único na longa rota da interinidade. A nação exige que o Presidente em exercício não se satisfaca sómente em debater os problemas decorrentes da doença de Tancredo com os dirigentes e líderes do PMDB e da Frente Liberal. É que esse poder conquistado, pela chamada Aliança Democrática tem muito a ver com a sociedade como um todo.

É certo que o Ministro da Justiça, Fernando Lyra, que até aqui marca a sua passagem pelo cargo com uma movimentação das mais notáveis, já se encarregou de manter um primeiro contato com o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, visando a atraí-lo também para a discussão do momento nacional. Lyra poderá, num passo adiante, chegar também a Brizola. Mas não terá, provavelmente, como avançar em considerações, porque somente dois políticos, hoje, no País, detêm, com exatidão, informações sobre o verdadeiro estado de saúde de Tancredo e o tempo de que ele ainda vai precisar para alcançar total recuperação: Sarney e Ulysses.

Para ir a São Paulo conversar com Lula, Sarney poderia também usar um pretexto: o de rever, para intermináveis conversas sobre literatura, o seu velho amigo Abreu Sodré, ex-governador e diligente e operoso coordenador da versão paulista do Partido da Frente



Liberal. A retomada desse hábito que o Presidente em exercício cultivava não poderá ocorrer, por certo, num dia de semana, tantos são os problemas administrativos de um Governo que vai começar a ser montado. Mas, como qualquer mortal, Sarney poderia dar uma escapada, num domingo desses, combinando com Abreu Sodré uma reunião a três com o presidente nacional do PT. É claro que um encontro desses não pode comportar nenhum arroubo poético. Exige uma pauta intensa de discussão política, tantos devem ser os questionamentos petistas. Para a literatura, contudo, sobraria o tempo que Sarney e Sodré quisessem, mas depois que Lula fosse embora.

Cooptar Brizola e Lula para o grande debate do Brasil sem Tancredo começa a ser não uma necessidade, mas uma obrigação. Líderes de importantes correntes políticas, que se assentam num misto de trabalhismo, socialismo e populismo, os fundadores do PDT e PT estão sendo cuspidos para fora do grande comboio da reordenação da ordem democrática como pingentes indesejáveis. Uma fórmula perigosa que não honra a inteligência dos condutores da Aliança Democrática.

A aliança efetiva que elegeu Tancredo e deu um basta ao autoritarismo vai além do PMDB, do PFL e da dissidência do PDS que ainda sonha em expulsar o malufismo do interior do partido. Sua formação, de maneira espontânea, ocorreu na praça pública, durante os memoráveis comícios pelas eleições diretas. O povo organizado entendeu, mais tarde, que valia a pena, na impossibilidade de ter as diretas já, emprestar o seu apoio para que alguém, com a responsabilidade de Tancredo, usasse os velhos instrumentos do arbitrio para empalmar, enfim, o poder e promover as reformas políticas, econômicas e sociais tão reclamadas.

Dessa aliança ampla, sem nenhuma nitidez partidária, fazem parte, queiram ou não o PMDB e o PFL, Brizola e Lula e todos os que resolveram segui-los, numa primeira hora. O Governador do Estado do Rio e o presidente nacional do PT não têm, ao que parece, pleitos pessoais a defender junto à Nova República. Brizola se contentaria com a concessão ao Estado dos royalties pelo petróleo que começou a jorrar da plataforma marítima do Norte Fluminense. Lula, por sua vez, aceitaria sentar-se à mesa das discussões sobre as reformas da velha e caduca legislação trabalhista.

Os que empalmaram o poder, em nome da aliança das ruas, estão, pois, cometendo um grande erro de cálculo, ao marginalizarem, sem mais nem menos, duas lideranças expressivas da batalha vencida contra o autoritarismo. A cooptação de Brizola e Lula para o grande debate nacional neste momento de gravidade deve ser encarada, enfim, pelo Presidente em exercício, José Sarney, como uma tarefa importante e que merece tratamento prioritário. Tarefa que, com relação ao Governador do Rio, Sarney poderia cumprir num fim de tarde de quinta-feira, depois do chazinho da Academia, onde a maioria dos acadêmicos não vê a hora de abraçar o colega Presidente.

ROGÉRIO COELHO NETO
Subeditor de Política do JORNAL DO BRASIL